



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

1 REPRESENTAÇÕES DOS SERINGUEIROS E CAUCHEIROS EM À MARGEM DA HISTÓRIA, DE EUCLIDES DA CUNHA

¹Jorge Lucas Souza Monteiro

I. Introdução

No século XIX, uma nova fonte de riqueza surgia no meio da floresta amazônica: o látex. Extraído de árvores como a seringueira e o caucho, o látex servia para se produzir a borracha, tão valorizada com o advento das indústrias ao redor do mundo. O Brasil e outros países vizinhos começaram a exportá-lo, os barões da borracha (como eram chamados os empresários que contratavam os trabalhadores que extraíam o látex) enriqueciam através dessa exploração e homens de outras regiões do Brasil (e de países vizinhos) foram seduzidos a se aventurarem pela Amazônia em busca dessa nova forma de riqueza. Sempre comandados por seus patrões.

Durante o auge da borracha, o escritor Euclides da Cunha foi nomeado chefe de uma expedição mista que envolvia brasileiros e peruanos, no intuito de delimitar os territórios entre os dois países. Dessa expedição, Euclides faz seu relato, que viria a se tornar o livro *À Margem da História*.

Como Oswaldo Galotti afirma na sua introdução, a obra tem como foco a terra, a região, a natureza selvagem amazônica, não obstante Cunha dedica capítulos inteiros a falar sobre seus estudos topográficos e geográficos dos locais por onde passa, a exemplo do capítulo intitulado “Rios em Abandono”, em que Cunha se atém a falar sobre seus estudos do rio Purus e seus afluentes,

¹Graduado em Letras-Ingês pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR.
Email: lukaz2100@hotmail.com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

como periferia do país, o que o que ocorria na região tinha pouca importância ou simplesmente era desconhecida do grande público que vivia próximo às principais cidades do país, no Sudeste, Sul e Nordeste. Sendo assim, a obra de Cunha é tido como a primeira grande denúncia sobre o modo de trabalho daquele povo. Vale salientar, no entanto, que esse tipo de trabalho semi-escravo já havia sido denunciado por Antonio Rodrigues Pereira Labre. No livro *Coronel Labre*, de Hélio Rocha, há um relato de Labre, datado de 1872, sobre os extratores de látex, que ainda não eram chamados de seringueiros:

O trabalho aqui é péssimo, e um verdadeiro monopólio dos donos de fábrica de seringa, pelo isolamento em que estão as autoridades e em grandes distancias até de 800 milhas e mais! Um homem livre vive em verdadeira escravidão, não tendo liberdade de vender, e nem de comprar senão ao patrão, por quem são forçados a arbítrio seu e são vendidos a novos patrões, salvas as exceções, e isto já é aceito, tanto que elles, muitas vezes, procuram novo patrão, que a compre, e se isto não é do agrado do velho, a venda não se faz, e é um motivo de forte intrigas. (LABRE apud ROCHA, 2016, p. 89)

Rocha complementa dizendo que:

É esse regime de escravidão que Labre denuncia. Portanto, ao Labre coube e cabe o mérito de ser o primeiro a denunciar tais mazelas sociais nos “centros” de seringa do Purus e não ao escritor Euclides da Cunha como tem afirmado muitos historiadores, geógrafos, críticos ensaístas e demais estudiosos da Amazônia. (ROCHA, 2016, p. 90).

No entanto, os estudos sobre Labre, maranhense que fundou, organizou e governou uma cidade às margens do rio Purus, no ano de 1871 (ROCHA, 2016, p. 3), são recentes e sua denúncia acabou não tendo a importância histórica que a obra de Cunha obtivera. Porém, como veremos, a forma como os seringueiros são apresentados por Cunha é bastante similar à apresentada por Labre.

A apresentação que Cunha faz desses seringueiros, logo no fim do primeiro capítulo, nos chama bastante atenção:



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

"Nas paragens exuberantes das *heveas* e *castilloas*, o aguarda a mais criminosa organização do trabalho que ainda engenhou o mais desacomodado egoísmo. De feito, o seringueiro - e não designamos o patrão opulento, senão o freguês jungido à gleba das estradas -, o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se" (CUNHA, p. 9)

O autor principia-se a falar da forma de pagamento quase desumana dada a esses seringueiros por parte dos seus patrões, que não pretendem "libertá-los" daquele trabalho tão facilmente. A forma com que esses patrões enganam seus empregados é tão sórdida, que os próprios seringueiros trabalham exclusivamente para pagar suas dívidas, afinal eles começam a se endividar no exato momento em que deixam sua terra natal para partir para a Amazônia sob a promessa de uma perspectiva de vida menos miserável, deixando a pobreza e a seca do solo nordestino para a farta e úmida floresta amazônica: começa devendo a passagem para chegar ao oeste da Amazônia (que não é fácil e que exige diversas etapas de transporte), depois se endivida ao ter que comprar para si as ferramentas necessárias para um seringueiro. Segundo Cunha, ele ainda nem aprendeu o corte da madeira e já deve mais do que deveu em toda a sua vida. Tem que comprar também alimentos ensacados para saciar sua fome (feijão, farinha, sal, arroz e etc.), que ele leva para o interior da floresta onde irá trabalhar. Para complementar, Cunha adverte sobre os incidentes que podem acontecer com esse homem endividado antes mesmo de ganhar seu dinheiro tão sonhado:

Admitamos agora uma série de condições favoráveis, que jamais concorrem: a) que seja solteiro; b) que chegue à barraca em maio, quando começa o "corte"; c) que não adoça e seja conduzido ao barracão, subordinado a uma despesa de 10\$000 diários; d) que nada compre além daqueles víveres - e que seja sóbrio, tenaz, incorruptível; um estóico firmemente lançado no caminho da fortuna arrostando uma penitência dolorosa e longa. Vamos além - admitamos que, malgrado a sua inexperiência, consiga tirar logo 350 quilos de borracha fina e 100 de sernambi, por ano, o que é difícil, ao menos no Purus. Pois bem, ultimada a safra, este tenaz, este estóico, este indivíduo raro ali, ainda



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

deve. O padrão é, conforme o contrato mais geral, quem lhe diz o preço da fazenda e lhe escreva as contas. (CUNHA, p.9)

Nessa etapa, o seringueiro já está gerando seu dinheiro, mas seu lucro é mínimo, praticamente nada, afinal ainda está devendo pessoas que proporcionaram a sua chegada até ali: ele paga para trabalhar.

No ano seguinte já é "manso": conhece os segredos do serviço e pode tirar de 600 a 700 quilos. Mas considere-se que permaneceu inativo durante todo o período da enchente, de novembro a maio _ sete meses em que a simples subsistência lhe acarreta um excesso superior ao duplo do que trouxe em víveres, ou seja, em números redondos, 1:500\$000 - admitindo-se ainda que não precise renovar uma só peça de ferramenta ou de roupa e que não teve a mais passageira enfermidade. É evidente que, mesmo neste caso especialíssimo, raro é o seringueiro capaz de emancipar-se pela fortuna. (CUNHA, p. 9)

Nesse ponto, Cunha começa a sua admiração e pena por esse homem, de muita força, que está sendo enganado, mas que não consegue se ver livre dessa ilusão. Muitas vezes ele tem que levar a sua família, que faz com que seus gastos se multipliquem e que ele tenha que se escravizar ainda mais. Cunha fala ainda sobre as regras absurdas que seus patrões lhe impõem. Por exemplo: a pesada multa de 100 mil réis comina-se a estes crimes abomináveis: a) "fazer na árvore um corte inferior ao gume do machado"; b) "levantar o tampo da madeira na ocasião de ser cortada"; c) "sangrar com machadinhas de cabo maior de quatro palmos". (CUNHA, p. 9).

Em *À margem da história*, há um capítulo intitulado “Judas Ahsverus” onde, nas palavras de Francisco Foot-Hardman, Euclides atinge o ápice da representação do sublime ante o flagelo da paisagem amazônica (HARDMAN, 1952, p. 47). É um capítulo que foge da estética do restante do livro ao descrever a tradicional “malhação do Judas” (tradição onde um boneco representando o personagem bíblico é feito para que as pessoas possam atirar pedras no mesmo) em forma de crônica. No rito onde os seringueiros colocam o boneco de pano na proa de um barco e, ao descer o rio, é apedrejado pelos mesmos, Cunha enxerga



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

uma forma em que os seringueiros “se vingam” por seus dias tristes. Detalha que o boneco é construído a imagem e semelhança daqueles homens, inclusive narra detalhadamente o Judas tomando forma no desenho do seu rosto e nas suas vestimentas, semelhantes aos que os seringueiros vestem. É um doloroso triunfo. O sertanejo esculpiu o maldito à sua imagem. Vingam-se de si mesmo: pune-se, afinal, da ambição maldita que o levou àquela terra; dos traficantes, que o iludiram. (CUNHA, p. 30). Essa crônica é a forma que o escritor utiliza para dar uma imagem literária sobre suas denúncias.

O título da obra é bem conveniente quando olhamos para a história dos seringueiros. Mesmo que eles tenham contribuído para a constituição imagística do que se tornou o homem amazônico de hoje, pouco se fala sobre os mesmos. Euclides transforma os seringueiros nos personagens fracos da sua aventura. Dentro do contexto de homens explorando o látex, são os seringueiros os grandes oprimidos. Talvez pela sua já empatia com homens que vieram do Nordeste, esses homens sejam representados como personagens tão sofredores, ora sendo apresentados em forma de denúncia crítica ora em forma de crônica, enriquecendo e sensibilizando ainda mais o seu retrato.

III. O Caucheiro

Aquém da margem direita do Ucaíali e das terras onduladas, onde se formam os manadeiros do Javari, do Juruá e do Purus, apareceu há cerca de cinqüenta anos uma sociedade nova. Formara-se obscuramente. Perdida longo tempo no afogado das selvas, apenas a conheciam raros comerciantes do Pará, onde, desde 1862, começaram a chegar, provindas daqueles pontos remotos, as pranchas pardo-escuras de uma outra goma elástica concorrente com a seringa às exigências da indústria. Era o caucho. (CUNHA, p. 9)

Errante, enigmático, dono de uma ambição fascinante, sem leis e deslocado dentro da selva amazônica: esse é o caucheiro descrito por Cunha. Caucheiros são extratores de látex provenientes do Peru, vindo com a mesma



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

necessidade dos seringueiros do nordeste brasileiro, mas diferentemente destes, com uma ferocidade única. Se pelos seringueiros Cunha demonstra ter pena e admiração, caracterizada pelo modo como os descrevem, assim como suas histórias, nos caucheiros ele vê homens por diversas vezes mais decididos, ousados, livres de qualquer obrigatoriedade senão ferir a floresta para conseguir seu precioso látex. "Os caucheiros ali estacionam até que caia o último pé de caucho. Chegam, destróem, vão-se embora" (CUNHA, p. 25). São espécies de colonizadores da terra, nesse caso, pouco se importando em colonizar os nativos, uma vez que esses são vistos como barreiras para se apropriar da região. Dessa forma demonstram ser propensos à violência, mais que qualquer outro tipo que se aventure pela Amazônia, estão sempre bem armados, matando aqueles a quem eles tomam como empecilho, de preferência os índios da região que, ou se tornam seus escravos, ou são mortos. Exemplo de quando Cunha fala dos meios diplomáticos que os caucheiros utilizam para contatar os índios e como, logo após isso, utilizam do poder do rifle:

Êstes meios pacíficos, porém, são em geral falíveis. A regra é a caçada impiedosa, à bala. É o lado heróico da emprêsa: um grupo inapreciável arrojando-se à montaria de uma multidão. E os caucheiros aparecem como os mais avantajados batedores da sinistra catequese a ferro e fogo, que vai exterminando naqueles sertões remotíssimos os mais interessantes aborígenes sul-americanos. (CUNHA, p.24).

A escrita característica de Cunha (de dar uma estética literária a seus relatos) na descrição desses caucheiros faz o leitor enxergar neles uma espécie de anti-heróis saídos de um livro de aventuras. "Refina a sua astúcia extraordinária. Cose-se com o chão, e, de rastros, *fareando el peligro*, aproxima-se quando pode do inimigo descuidado." (CUNHA, p. 24). O autor segue relatando a selvageria desses peruanos com os índios que encontram pelo caminho, relatado em uma breve passagem que conta o encontro de um caucheiro chamado Carlos Fiscarrald com índios *mashcos* a quem ele tentava conquistar. Após a tentativa, novamente, falha de diplomacia, onde o caucheiro



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

O nativo, sempre colocado como inferior, há de ser eliminado caso esse se oponha aos desejos do colonizador. A vida dos nativos não é tão mais valiosa que qualquer animal selvagem que se encontre pelo caminho, como Bhabha bem pontua, é só mais um obstáculo de menor importância para que a terra seja possuída.

A ferocidade com que tratam os índios pelo caminho é a mesma que eles utilizam para explorar a floresta. Hardman diz que:

Na exploração belicosa, aventureira e predatória dessa moderna sociedade dos caucheiros, uma senda devastadora transparece ao longo dos "rios em abandono" e veredas interrompidas do extrativismo, rapidamente retomadas pela floresta reinante. Euclides acusa o nomadismo dessa atividade febril e fugaz. (HARDMAN, p. 46).

A exploração constante e desenfreada é marca desses homens durante a luta por territórios. A árvore que eles utilizam para extração de látex é o caucho. Diferentemente da seringueira (ou *heveas*), utilizada pelos brasileiros, o caucho é excepcionalmente sensível. Desde que a golpeiem, morre, ou definha durante longo tempo, inútil. Assim o extrator derruba-a de uma vez para aproveitá-la toda (CUNHA, p. 24), fazendo com que esses exploradores deixem um rastro de devastação para trás. Nômades, eles sempre estão em busca de uma nova região para explorar

Cunha mostra nova admiração por esses homens ao falar das descobertas de novas terras com cauchos por parte dos caucheiros, quando afirma que há, realmente, neste lance, "um traço comovente de heroísmo. O homem perdido na solidão absoluta vai procurar o bárbaro, levando a escolta única das dezoito balas de seu rifle carregado (CUNHA, p. 24)". O bárbaro, nesse caso, é o índio.

Barbaridade, aliás, no seu conceito de ação considerada não-civilizada, é uma palavra utilizada por Cunha para descrever quase tudo o que está dentro desse caos organizado que é a matança da vida amazônica em prol da conquista e busca de riquezas naturais. O bárbaro também é o caucheiro que chega até ali,



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

pouco exigida, ele se torna o selvagem, apesar de se considerar um civilizado. Perante aquele que ele enxerga como o bárbaro, ele age como tal, sem se dar conta do que ele se tornou, afinal, tratar com barbaridade pessoas nativas é permitido. Sobre essa dualidade sobre, afinal, quem é o bárbaro, Francis Wolff fala sobre as possíveis noções:

O bárbaro é o menos civilizado ou aquele que acredita na barbárie? Quem é bárbaro? Quem é civilizado? Para esta pergunta, duas respostas são igualmente tentadoras. A mais ingênua, a mais difundida, para todos os povos, em qualquer época, é dizer: nós somos os civilizados, os outros (mais antigos, exóticos ou distantes) são bárbaros; sua língua, seus costumes, suas tradições, seus deuses, seus valores não são os de homens verdadeiros. A segunda resposta é mais sofisticada. Ela consiste em negar o problema, a relativizar as noções: nenhum povo é mais civilizado do que outro, nenhum costume é bárbaro. Todas as culturas são equivalentes de forma absoluta, tudo depende do critério escolhido: o único valor universal é a adaptação de cada cultura ao seu próprio meio natural. No limite, como dizia Claude Lévi-Strauss, em fórmula magnífica: "É bárbaro aquele que crê na barbárie" (WOLFF, 2002).

Para Wolff, portanto, a barbárie nasce no momento em que um povo não reconhece a cultura do outro, pondo, na maioria das vezes, o outro como inferior. Ato de barbaridade tomam forma de violência quando um povo, na sua concepção de que o outro é inferior, sente-se livre para fazer o que bem entender com esse outro. É o caso dos caucheiros em relação aos indígenas.

Nesse ponto, Cunha enxerga esse caucheiro como um sujeito em meio a essa dualidade, sujeito que tenta manter intactos os melhores ensinamentos morais ao lado de uma moral fundada especialmente para o deserto – reponta em todos os atos da sua existência revolta. (CUNHA, p. 27).

Brevemente Cunha fala sobre o que poderia motivar esses homens, fala sobre o barão que os escraviza (barão da borracha), que os fazem explorar a riqueza do lugar. O contato com o selvagem e ordem de explorar e ferir para conseguir, os transforma no que eles são.

Eis aí a grande diferença entre os caucheiros e seringueiros: ambos são explorados por seus patrões, mas é somente do primeiro a tarefa de destruir



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

o que se vê pela frente. O caucheiro derruba o caucho, e ele sabe que aquela árvore derrubada não lhe tem mais serventia, portanto ele deve ir atrás de novas árvores para explorar. Sendo assim, é natural que ele encontre obstáculos pelo caminho, e aí surgem os índios, a quem eles devem matar caso não queiram virar seus escravos. Não há meio termo para os caucheiros, não há tipo de vida que mereça qualquer tipo de piedade em meio à exploração, nasce aí o ser bárbaro. Além do mais, seus patrões estão bem longe, pouco se importando com os hectares de mata derrubada, o caucho é utilizado uma vez para nunca mais. Se sobreviverem, esses homens voltarão para seu local civilizado, não mais importando o que fizeram em meio à floresta.

O seringueiro, por outro lado, se mantém preso à região. Além das suas dívidas acumuladas, a seringueira não é derrubada para ter seu látex extraído. Sendo assim, eles podem ficar em uma região por muito tempo, sendo observados por seus patrões, não obstante os seringueiros deixariam grandes legados culturais e étnicos na Amazônia brasileira.

Ainda na introdução de *Paraíso do Diabo*, Enock fala sobre um relato de viagem de dois norte-americanos (Srs. Hardenburg e Perkins) pelo Peru, onde puderam presenciar como os extratores peruanos tratavam os índios da região. Vejamos alguns deles:

O relato dos Srs. Hardenburg e Perkins e o indiciamento dos métodos empregados pelos agentes da companhia no Putumayo, sob o nome de O Paraíso do Diabo, foi uma notícia terrível. Hardenburg declarou que os índios pacíficos eram colocados para trabalhar no corte da seringa sem pagamento algum, sem alimentação e em completa nudez; que as mulheres eram roubadas, estupradas e assassinadas; que os índios eram açoitados até que seus ossos ficassem à mostra, quando não conseguiam produzir a cota exigida de borracha ou quando tentavam fugir, e eram abandonados para morrer sozinhos com suas feridas purulentas cheias de larvas. (ENOCK, in ROCHA, 2016).

Alguns desses relatos estão presentes em *À Margem da História*, como o fato de índios se tornarem escravos dos caucheiros, mas Cunha não se aprofunda tanto dentro da vida desses homens a ponto de compará-los a

